

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE PSICOLOGIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA SOCIAL E  
INSTITUCIONAL**

**PEDRO HENRIQUE MACHADO**

***“O QUE EU ESTOU FAZENDO AQUI?”:*  
EXPERIÊNCIAS DO RACISMO COTIDIANO NA  
TRAJETÓRIA UNIVERSITÁRIA**

**Porto Alegre  
2023**

**PEDRO HENRIQUE MACHADO**

***“O QUE EU ESTOU FAZENDO AQUI?” –  
EXPERIÊNCIAS DO RACISMO COTIDIANO NA  
TRAJETÓRIA UNIVERSITÁRIA***

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social e Institucional, Linha de Pesquisa em Clínica, Subjetividade e Política, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) como requisito para a obtenção do título de mestre em Psicologia Social e Institucional.

Linha de Pesquisa: Clínica, Subjetividade e Política  
Orientadora: Profa. Dra. Rosemarie Gartner Tschiedel  
Coorientadora: Profa. Dra. Suiane Costa Ferreira

Porto Alegre  
2023

## Ficha Catalográfica

## FICHA DE APROVAÇÃO

Nome: MACHADO, Pedro Henrique

Título: **“O que eu estou fazendo aqui?” – experiências do racismo cotidiano na trajetória universitária**

Dissertação apresentada ao Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul para a obtenção do grau de Mestre em Psicologia na área de concentração da Psicologia Social e Institucional.

Aprovado em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

### BANCA EXAMINADORA

---

Profa. Dra. Rosemarie Gartner Tschiedel (Orientadora)  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS – PPG PSI)

---

Profa. Dra. Suiane Costa Ferreira (Coorientadora)  
Universidade do Estado da Bahia (UNEB)

---

Profa. Dra. Maria Angélica Souza Ribeiro  
Universidade de São Paulo (USP)

---

Profa. Dra. Cecília Maria Izidoro Pinto  
Universidade Federal do Rio de Janeiro (Departamento de Enfermagem - UFRJ)

---

Profa. Dra. Rosane Azevedo Neves da Silva  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS - PPG PSI)

*À Vó Mirinda, à suas rezas e histórias ancestrais.*

*Á Fátima, minha mãe, pela força e alegria em ver seu filho tornando-se mestre.*

*Ao povo preto que adentra à Universidade e faz dela um espaço de luta e produção de vida.*

## AGRADECIMENTOS

O ato artístico de escrever os agradecimentos diz do reviver momentos e pessoas muito importantes que estiveram presentes nessa desafiadora travessia. Agradecer, reconhecer a importância de cada um que esteve comigo à seu modo singular. Retorno as múltiplas cenas que compuseram o meu caminho e com isso me pergunto: por que a parte mais importante desse trabalho ficaria para ser escrita em um último movimento? Não que as páginas a seguir sejam sem importância, pelo contrário, a importância delas se dá porque essas pessoas foram fundamentais na construção deste trabalho. É no suspiro de despedida dessa etapa tão importante em minha carreira acadêmica que saúdo aquelas e aqueles que contribuíram de diversas maneiras para a construção dessa dissertação. Assim como no trabalho de conclusão de curso, faço do ato de escrever os agradecimentos um ritual de iniciação da conclusão de uma etapa.

Abro os caminhos dos com Exú. Agradeço à Exú por me acompanhar nas encruzilhadas da vida e por mostrar as potências da comunicação. Sou grato pela proteção e pela escrita de cada palavras aqui registradas, agradeço pelo dom da comunicação e pelo força que me movimenta nessa trajetória. Agradeço à Logun Edé pela força

Agradeço ao meu grande e eterno amigo Carlos Orellana (*in memorian*) por ter sido afeto, luz, respiro, inspiração e principalmente um ombro amigo durante a minha trajetória na Universidade Federal de Santa Maria. Obrigado meu amigo, sou muito feliz por ter tido a honra de te conhecer e por saber que você sempre acreditou no meu potencial.

À Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Psicologia e Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social e Institucional, por possibilitarem a construção dessa pesquisa e auxiliar a minha formação enquanto pesquisador.

À CAPES, pelo financiamento da bolsa de pesquisa, sem a qual esse trabalho não teria acontecido.

À minha orientadora, Profa. Dra. Rosemarie Gartner Tschiedel, que me acolheu carinhosamente no NEPPICS. Obrigado por ser companhia no caminho do pesquisar e por, junto comigo, trilhar espaços de construção, escuta, reflexão e crescimento.

À minha coorientadora, Profa. Dra. Suiane Ferreira Costa, por estar comigo nessa desafiadora caminhada, por mostrar as diversas possibilidades de pesquisar a partir dos nossos, obrigado pela parceria, orientação cuidadosa e afetiva deste trabalho que é precioso para mim. Obrigado por sempre embarcar nas minhas ideias e construções.

À minha mãe Fátima Machado e minha avó Almerinda Machado – Vó Mirinda [*in memoriam*] por me educarem, por me ensinarem e por terem me possibilitado estudar e me tornar um psicólogo. Agradeço a Vó Mirinda pelos abraços calorosos, pelas histórias contadas, por me ensinar que a simplicidade da vida é riquíssima – obrigado pelas suas rezas diárias, esse trabalho também é seu. À minha mãe por me ensinar a persistência e a não desistir, obrigado por tudo.

Ao Miguel, meu noivo, por ser acalanto durante as tempestades, por sempre me lembrar de beber água, me alimentar e até mesmo de sair um pouco de casa para dar uma volta e respirar um ar. Obrigado por ser companhia durante essa caminhada, por ser abraço nos momentos difíceis (e foram vários nesses dois anos), por ser riso frouxo, aconchego e incentivo e principalmente por entender as minhas ausências.

Às minhas melhores amigas Marlete, Catheline e Paola. À Marlete por pessoa incrivelmente maravilhosa e que tenho a honra de ter como melhor amiga. Obrigado pelas conversas, pela inspiração e pelo apoio nos momentos em que colocar essa dissertação no mundo parecia ser uma tarefa muito grande para mim. Obrigado por ser presente mesmo na distância e por me inspirar na nossa luta antirracista. À Catheline por ser incrível e inspiradora, por me ouvir e acolher com palavras de carinho, por comemorar comigo cada conquista. Obrigado por estar ao meu lado desde 2011 nos momentos bons e momentos difíceis. À Paola por sempre acreditar que seria possível, por rir comigo, pelas conversas descontraídas e sérias e por ter sido essa grande parceira de psicologia, obrigado por sonhar comigo. Hoje essa dissertação só foi possível porque vocês estão ao meu lado.

Agradeço à Profa. Dra. Cecília Maria Izidoro Pinto, Profa. Dra. Maria Angélica Souza Ribeiro e Profa. Dra. Rosane Azevedo Neves da Silva pela disponibilidade e aceite em participar desse momento de encerramento de uma etapa. Agradeço a Profa. Dra. Cecília Maria Izidoro Pinto pela leitura e comentários afetuosos em outros trabalhos apresentados, obrigado pela sua leitura sensível. À Profa. Dra. Maria Angélica Souza

Ribeiro pelas riquíssimas contribuições feitas na qualificação do projeto de pesquisa, obrigado por ser luz, carinho e afeto, pelas palavras e conhecimento transmitidos nos espaços que compartilhamos. À Profa. Dra. Rosane Azevedo Neves da Silva por gentilmente me acolhido no Grupo de Pesquisa SuL, por apontar novos horizontes, novas giros intelectuais e novas formas de ser/estar na universidade, obrigado por ser força e apoio nos momentos difíceis.

À Profa. Dra. Míriam Cristiane Alves e ao Núcleo de Estudos e Pesquisas E'LÉÉKÒ Agenciamentos Epistêmicos Antirracistas Descoloniais por me receberem tão bem nesse rico espaço de compartilhamento de saberes. Saibam que a vivência dentro do grupo foi significativa para a minha formação e construção enquanto pesquisador.

Imensamente agradeço ao Instituto AMMA Psique e Negritude, pela revolução intelectual, ética, de luta proporcionada. Obrigado por me ajudarem a fazer esse projeto ganhar corpo, voz e vida. Graças a vocês e seu ensinamento ancestrais hoje esse trabalho existe. Agradeço a nossa mais velha, Maria Lúcia da Silva, por ser força ancestral e de luta, obrigado pelas suas construções e contribuições para o povo preto; agradeço à Clélia Prestes e Liamar Almeida pelo carinho e acolhimento no curso Curso Teórico Vivencial Psicologia e Relações Raciais – 5º Turma – e no Curso Ética, Práticas Intersetoriais de Cuidado e Relações Raciais – 1ª Turma –, vocês são inspiração na arte de ensinar, obrigado pelos espaços de partilha.

Agradeço às colegas da 5ª Turma do curso teórico vivencial: Alex Eleotério, Aline Gomes, Ana Paula Cardoso, Ana Lucia Bastos, André Luiz, Bárbara Campos, Bárbara Duarte, Bruna Demonico, Carolina Pereira, Cássia Betânia, Cássio dos Santos, Christiane Carpio, Cinara Evangelista, Cláudia Alves, Cristiane Silva, Elen Tamara da Silva, Fernanda Matos, Gabriela Castro, Glaucia Fontoura, Ismael Salaberry, Juan Telles, Késia Rodrigues, Lis Veras, Lívia Santiago, Liziane Guedes, Luana Lima, Lucila Xavier, Lucineia Marques, Manu Rocha, Mariana Batista, Marizete Gouveia, Silvia Edith, Thays Athayde, Tatiane Zaram e Vanilce Gomes não só pela companhia na travessia do curso, mas também pelas conversas, pelos afetos e força. Obrigado por me lembrarem de que não estamos sós.

À bell, Carol, José, Isabela, Marlete, Heitor, Regina, Patricia, Oxun, Tamara, Andreia, Igor, Dandara, Borboleta e Moises, por se disponibilizarem a reviver momentos



desafiadores de suas vidas dentro do Ensino Superior, por me mostrarem que unidos produzimos muita potência de vida, de carinho, de afeto e de resistência. Sem vocês esse trabalho não teria acontecido. Obrigado por me permitirem entrar na história-vida de vocês, obrigado pela honra de poder compor com vocês esse trabalho, por mais que isso pudesse doer de alguma forma.

## **RESUMO**

Esta dissertação de mestrado tem como objetivo geral identificar o impacto do racismo no cotidiano acadêmico e profissional de pessoas negras que ingressaram no ensino superior a partir das políticas de ação afirmativa (política de Cotas Raciais). Especificamente, objetivamos investigar a percepção dos profissionais negros quanto às fontes desencadeadoras de sofrimento psíquico gerado pelo racismo no espaço acadêmico; refletir a respeito do impacto dos eventos racistas na trajetória acadêmica e profissional das pessoas negras que utilizaram a política de ações afirmativas (cotas); compreender as estratégias e recursos utilizados pelas profissionais negras para a sua permanência nas IES. A discussão teórica segue a seguinte estruturação: na primeira parte propõe-se um debate sobre os racismos existentes na sociedade brasileira e as suas consequências na vida do povo negro brasileiro, abarcamos o protorracismo, racismo à brasileira, racismo estrutural, racismo institucional e o racismo cotidiano; na segunda parte apresenta-se uma reflexão sobre os modos que o colonialismo, a violência colonial e o racismo colonial estão presentes nas estruturas sociais e institucionais do país e como esse processo segue os mesmos objetivos da época das invasões - subalternizar e inferiorizar a população negra. Na terceira parte da discussão teórica aborda alguns processos históricos que garantiram a exclusão das negras/negros das escolas formais e que as consequências reverberam até os dias atuais; na quarta parte discute-se a importância das lutas dos movimentos negros, das políticas de ações afirmativas e as tensões que o debate gerou. Na quinta parte destaca-se que a pesquisa é de cunho qualitativo e tem como base teórica a psicologia social e as relações raciais, estando os pressupostos epistemológicos de acordo com a perspectiva descolonial; os participantes dessa pesquisa são profissionais negras/negros, de três regiões do país - sul, sudeste e nordeste, que utilizaram as ações afirmativas para ingressar no ensino superior. Ao total 15 entrevistas foram realizadas, as entrevistas foram realizadas com base nas entrevistas narrativas biográficas, e o método de análise foi a análise episódica encontrada em Grada Kilomba (2019). Na sexta parte apresenta-se as análises episódicas do racismo cotidiano vivenciado no ensino superior, nesse capítulo constam relatos de: bell, Borboleta, Isabela, José, Marlete, Heitor, Patrícia, Tamara, Igor, Oxun, Dandara, Carol, Moises, Regina e Andreia.

**Palavras-Chave:** Colonialismo. Políticas Públicas. Racismo. Saúde Mental. Universidades. Subjetividade.

## **ABSTRACT**

This master's thesis aims to identify the impact of racism in the daily academic and professional life of black people who entered higher education through affirmative action policies (Racial Quota Policy). Specifically, we aim to investigate the perception of black professionals about the triggers of psychological suffering caused by racism in Brazilian higher education; to reflect on the impact of racist events on the academic and professional trajectory of black people who used affirmative action policies (quotas); to understand the strategies and resources used by black professionals to remain in higher education institutions. The theoretical discussion follows the following structure: in the first part, a debate is proposed on the racisms existing in Brazilian society and their consequences in the life of the Brazilian black people, we encompass proto-racism, Brazilian racism, structural racism, institutional racism, and everyday racism; in the second part, a reflection is presented on the ways colonialism, colonial violence, and colonial racism are present in the social and institutional structures of the country and how this process follows the same objectives as the invasions - to subalternize and inferiorize the black population. In the third part of the theoretical discussion, some historical processes are addressed that guaranteed the exclusion of black women/men from formal schools and that the consequences continue to reverberate to this day; in the fourth part, the importance of the struggles of the black movements, affirmative action policies, and the tensions generated by the debate are discussed. In the fifth part, it is highlighted that the research is qualitative in nature and has social psychology and racial relations as its theoretical basis, and the epistemological presuppositions are in accordance with the decolonial perspective; the participants in this research are black professionals from three regions of the country - south, southeast, and northeast, who used affirmative action to enter higher education. In total, 15 interviews were conducted, the interviews were conducted based on biographical narrative interviews, and the method of analysis was the episodic analysis found in Grada Kilomba (2019). In the sixth part, the episodic analysis of everyday racism experienced in higher education is presented, in this chapter there are accounts of: Bell, Butterfly, Isabela, José, Marlete, Heitor, Patrícia, Tamara, Igor, Oxun, Dandara, Carol, Moises, Regina, and Andreia.

**Keywords:** Colonialism. Public Policy. Racism. Mental Health. Universities. Subjectivity.

## **LISTA DE SIGLAS**

**CAPES** - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

**CEP** - Conselho de Ética em Pesquisa

**CNPQ** - Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico

**CONEP** - Conselho Nacional de Ética em Pesquisas

**IES** - Instituição de Ensino Superior/Instituições de Ensino Superior

**IP** – Instituto de Psicologia

**PROUNI** - Programa Universidade Para Todos

**UFRGS** - Universidade Federal do Rio Grande do Sul

**UFSM** - Universidade Federal de Santa Maria

**UNILAB** - Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

**UNEB** – Universidade do Estado da Bahia

**UFPR** – Universidade Federal do Paraná

**IFBA** – Instituto Federal da Bahia

**UFMT** – Universidade Federal de

**UERJ** – Universidade do Estado do Rio de Janeiro

**USP** – Universidade de São Paulo

**TAE** - Técnicos de Assuntos Estudantil

**TCLE** - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

## SUMÁRIO

<b>BREVE PRÓLOGO DE ONDE ESCREVO .....</b>	<b>14</b>
<b>1. RACISMO(S): UMA CORDA DE MUITOS FIOS .....</b>	<b>23</b>
1.1. DINÂMICAS RACIAIS NOS PRIMÓRDIOS DA HUMANIDADE: O PROTERRACISMO ..	25
1.2. RACISMO À BRASILEIRA: NÃO SOMOS UM PAÍS RACISTA .....	30
1.3. RACISMO ESTRUTURAL: RACISTA NA ESTRUTURA, SOCIEDADE RACISTA .....	34
1.4. RACISMO INSTITUCIONAL: PROJETO DE ISOLAMENTO E EXCLUSÃO .....	37
1.5. RACISMO COTIDIANO: REVIVÊNCIA DO PASSADO COLONIAL.....	43
<b>2. RESGATE HISTÓRICO DA COLONIZAÇÃO, HOLOCAUSTO DA ESCRAVIDÃO E ABOLIÇÃO .....</b>	<b>49</b>
2.1. HOLOCAUSTO DA ESCRAVIDÃO E AS LEIS PARA INGLÊS VER .....	53
2.2. NOVAS FORMAS DA VIOLÊNCIA COLONIAL DO RACISMO: POLÍTICA DE ESTADO E SILENCIAMENTO .....	58
2.3. ROMPENDO COM A HISTÓRIA ÚNICA.....	62
<b>3. POLÍTICAS DA EXCLUSÃO: POLÍTICAS RACISTAS VOLTADAS PARA A (DES)EDUCAÇÃO DO NEGRO .....</b>	<b>66</b>
3.1. BREVES APONTAMENTOS SOBRE AS POLÍTICAS EDUCACIONAIS DO SÉCULO XIX E XX.....	70
3.2. A INCORPORAÇÃO DO PENSAMENTO EUGÊNICO NO CAMPO EDUCACIONAL .....	72
3.3. REFLEXOS DO RACISMO NO SISTEMA EDUCACIONAL: COMENTÁRIO BREVE .....	75
<b>4. LUTAS E CONQUISTAS DOS MOVIMENTOS NEGROS NA EDUCAÇÃO E POLÍTICA DE COTAS .....</b>	<b>77</b>
4.1. EXÉRCITO ANTI-COTAS E A CEGUEIRA DA BRANQUITUDE: REIVINDICAÇÕES .....	80
4.2. O PAPEL DOS MOVIMENTOS NEGROS NA LUTA PELA EDUCAÇÃO E CONTRA O RACISMO .....	82
4.3. LUTAS E IMPORTÂNCIA DAS POLÍTICA DE COTAS .....	84
<b>5. A CONSTRUÇÃO DE UM PERCURSO NO PESQUISAR .....</b>	<b>91</b>
5.1. A PESQUISA .....	92
5.2. OS INSTRUMENTOS E PROCEDIMENTOS.....	95
5.3. AS ENTREVISTADAS .....	100
<b>6. FORA DO LUGAR: EXPRESSÕES DO RACISMO NA SALA DE AULA..</b>	<b>102</b>
6.1. “VOCÊ TEM CERTEZA QUE É SEU?” – VIOLÊNCIA DO RACISMO DENTRO DA SALA DE AULA.....	104
6.2. VOCÊ NÃO TEM O PERFIL: DINÂMICAS DA SUTILEZA DO RACISMO COTIDIANO..	107
6.3. FERIDAS ABERTAS PELO RACISMO: A DESUMANIZAÇÃO SISTEMÁTICA NA UNIVERSIDADE.....	112
6.4. “EU SOU COTISTA”: ORGULHO, RESISTÊNCIA E ENFRENTAMENTO DAS FALÁCIAS RACISTAS .....	119
<b>PALAVRAS FINAIS .....</b>	<b>128</b>

<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>135</b>
<b>APÊNDICES .....</b>	<b>143</b>

## BREVE PRÓLOGO DE ONDE ESCREVO

Aqui estou, estudante-pesquisador negro que no movimento de adentrar as camadas brancas da universidade percebeu-se, em sala de aula, sozinho. Foi preciso reafirmar o compromisso de lutar pela permanência, pois a conclusão da graduação representava a mudança do mito familiar, a vitória sempre foi coletiva e jamais solitária. Nas rezas de minha Avó, a Vó Mirinda encontrei forças para seguir estudando e, como ela dizia “me tornar doutor” – por mais que na época eu fizesse graduação em Artes Cênicas –; no entanto, sua sabedoria ancestral era tamanha que anunciara ali, o percurso que eu tomaria alguns anos depois<sup>1</sup>. Junto ao incentivo dela estava minha mãe, mulher preta, mãe solo que durante a infância reviveu episódio da violência colonial ao estudar em uma escola rural na qual foi constante violentada pelo racismo praticado por seus professores: era colocada de castigo, apanhava de palmatória, ajoelhava no milho, era exposta e humilhada em sala de aula diante de seus colegas, durante a sua infância dentro dessa escola o tronco para as chibatadas transformou-se na lousa e no giz, no canto da sala em que ficava cheirando parede<sup>2</sup>.

Essas violências e humilhações foram o suficiente para que encerrasse os estudos na quarta série – hoje percebo que para ela a quarta série do ensino fundamental simboliza a sua universidade – ela chegou até ali para que hoje eu pudesse estar aqui, escrevendo essa dissertação de mestrado. Entendo a história de minha mãe não como uma desistência, como a lógica meritocrática quer que acreditemos, percebo que para ela foi uma estratégia de sobrevivência ao sistema racista que ao invés de nos educar, deseduca.

Ao escrever estas palavras introdutórias tenho comigo a lembrança das histórias narradas pela Vó Mirinda sobre sua sogra (mãe do meu avô). Uma preta velha de olhos azuis que se sentava ao redor do fogão à lenha e ali ficava por horas contando seus causos e histórias da família. Ouvi que ela via na educação um cativeiro, uma prisão, que sentiu na pele a dor de saber que a educação era apenas para os brancos. Minha bisavó foi ensinada a ler e escrever, por isso ensinava os filhos de ricos da cidade, não tive acesso à história sobre as condições e modo em que ela aprendeu, mas tive acesso às contações

---

<sup>1</sup> Destaco que durante a escrita dessa dissertação fui aprovado no doutorado do Programa de Pós-Graduação e Psicologia Social e Institucional da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, sabidamente Vó Mirinda anunciou que seu neto mais novo seria um Doutor.

<sup>2</sup> Durante o meu ensino fundamental essa também era uma prática comum nas salas de aula, colocar os alunos de castigo “cheirando a parede”.

sobre o que pensava a respeito do ato de ensinar - ela não ensinaria seus filhos a ler nem escrever, pois para ela isso se tornara um fardo, acreditava que para seus filhos também o seria.

Com isso meu avô, cujo nome herdei como forma de homenageá-lo, era analfabeto; minha avó também era analfabeta, mas realizava cálculos matemáticos com uma facilidade invejável. Ambos com histórias interessantes e, diferentemente da minha bisavó, incentivaram seus filhos a estudar, pois reconheciam a importância de saber ler e escrever. Meus avós tiveram 6 filhos, 3 faleceram ainda na primeira infância e hoje minha mãe é a única dos 6 que continua viva, e é de quem falarei um pouco.

Minha mãe sempre incentivou a mim e minha irmã a concluirmos o Ensino Médio, no pensar dela a universidade não era lugar de gente pobre e preta. “Lá é o lugar pra gente branca e com dinheiro” me dizia sempre que eu esboçava o desejo de cursar o Ensino Superior. Lutei contra a profecia de minha mãe, lutei contra o sistema que exclui, lutei contra os racistas que não suportam ver um estudante negro no espaço que acreditam ser somente deles. Lutei e seguirei lutando, estudando e pesquisando.

Antes de ser/estar um pós-graduando negro eu fui uma criança negra que começou o ensino fundamental em 1998 em uma escola pública do interior da região central do Rio Grande do Sul, fui um adolescente no ensino médio nesta mesma cidade e um jovem adulto no ensino superior na Universidade Federal de Santa Maria, cidade vizinha a que eu morava. Aprendi na prática o senso de comunidade enquanto morei na Casa do Estudante Universitário (CEU), encontrei pessoas incríveis que conseguiam estudar por causa das políticas de permanência como restaurante universitário e moradia estudantil e durante toda minha trajetória fui bolsista no Centro de Processamento de Dados (CPD). Das (an)danças que fiz, meu corpo ritmado seguia, porque seguir em frente era o único caminho para me refugiar do destino profetizado pela voz da minha mãe.

A vida de uma criança preta no Ensino Fundamental e Médio não é facilitada pelos brancos. Diversas violências são direcionadas a este corpo que, muitas vezes indefeso, acredita que o problema é a sua cor de pele, seu nariz que não é fino, ou seu cabelo que é diferente. Das violências explícitas e implícitas vivi o confronto com a verbalização de colegas que dizem: “O meu cabelo mexe, o teu não”, “você é sujo”; das verbalizações do racismo com uma tentativa de viés não racista, ouvi em diversos momentos “você é um



moreno de alma branca” o que consiste em uma dupla negação de quem eu sou – nunca quis e não quero ser ‘moreno’, muito menos ‘de alma branca’; “para um moreno você é muito inteligente”, com o passar do tempo vai-se cristalizando a ideia de que ser moreno é melhor do que ser negro e que inteligência é um atributo apenas dos brancos e, quando há inteligência em um corpo negro, é necessário que ele se embranqueça.

Neste percurso da formação básica, o ensino médio se apresentou como o primeiro momento em que fui colocado frente a frente com o negro sendo inteligente. Pela primeira vez na minha formação tive duas professoras negras. Duas mulheres negras que mostraram que o corpo negro tem o direito de estar na posição de Educador. No entanto, a estrutura do racismo afetava a nós três, corpos negros em lugares de tempo-vida-história diferentes, duas coisas nos aproximavam: sermos corpos negros e o processo de embranquecimento. Cada um de nós, a sua maneira, negamos o cabelo, negamos o power do nosso black, elas alisavam; eu não o deixava crescer. A negação da nossa raiz era um denominador comum, cada um a seu modo, lançava mão de ferramentas para realizar um desejo da branquitude: domar o cabelo e, conseqüentemente, domar quem nós somos. Sim, reconheço que o desejo da branquitude é esse mesmo, nos domar feito animais, pois a animalização do corpo negro é que conduz o olhar racista deles.

A ideia de domar o cabelo é mais profunda do que o simples ato de tentar esconder o que lembra a nossa negritude, além da nossa pele com maior concentração de melanina. Significa que as estratégias de dominação, o colonialismo e a subalternização seguem agindo nas nossas vidas, seja explícita, seja implicitamente. O ódio pelo nosso corpo e cabelo é um ódio colonial, que denuncia a impotência dos brancos de reconhecerem que nosso lugar não é, e nunca deveria ter sido, no trabalho forçado.

Eu acreditava que a inserção no Ensino Superior seria o ingresso em um mundo diferente desse, pensava que seria na universidade que eu encontraria um ambiente acolhedor e crítico às questões sociais. Meu primeiro ingresso no ensino superior foi no Curso de Artes Cênicas, lá percebi outras artimanhas do racismo, o pacto narcísico era tão intenso que sentia a sensação de poder tocá-lo; a exclusão do corpo negro se dava de formas violentas. Foi lá que senti na pele, com intensidade maior do que antes, as forças do racismo. Existir naquele lugar era praticamente impossível. A violência vinha por todos os lados, colegas de turma, colegas de curso, corpo docente. Na minha lembrança, salvo engano, de todo o curso quando ingressei éramos 5 estudantes negros (4 no

bacharelado em artes cênicas e 1 na licenciatura em teatro). As pressões racistas nos atingiam de formas diferentes, mas em intensidades semelhantes.

Já a minha trajetória na graduação em Psicologia foi solitária, desafiadora e potencialmente adoecedora. Graças às estratégias de resistência e (re)existência, consegui concluir e me tornar Bacharel em Psicologia, consegui construir uma trajetória potente e transformadora. Alguns reflexos das minhas inquietações continuam reverberando naquele espaço que ocupei por alguns anos. Durante a graduação, pude observar que a sala de aula representava *ipsis litteris* a sociedade fora dos muros acadêmicos. Era irônico perceber que, enquanto debatíamos fervorosamente sobre as desigualdades sociais e disposição geográfica das cidades, replicávamos este mesmo modelo na sala de aula: brancos ao centro, centralizando a palavra, podendo falar o que lhes viesse à cabeça sem a necessidade de senso crítico e, pessoas com deficiência e negros sentados à margem, tendo que, ao falar apresentar senso crítico e embasamento teórico consistente para se serem ouvidos.

Na sala de aula se fazer ouvir é existir. Sendo a sala de aula célula da sociedade, nosso direito de existir também era negado. O silenciamento se torna o imperativo para doutrinar nossos corpos a não questionar o ensinamento branco pelo branco. Para uma pessoa negra cotista a graduação é um espaço de muitas violências e negação. Violentam e negam nossa existência, nosso conhecimento, nossa voz, nossa negritude, nossos autores, nossa reflexão e a nossa capacidade de ter sido aprovado no processo seletivo. Os olhares de estranhamento são uma constante, as expressões de desconforto são sempre nítidas e o negro se torna o Wikipreto das relações raciais, mesmo que ele não se dedique ao estudo das relações raciais ele é convocado pela branquitude para autorizar ou não o que eles podem ou não falar.

Neste espaço “erudito” a minha negritude é colocada em dúvida, (res)urge na fala de uma psicóloga técnica de assuntos educacionais da Instituição (TAE) o racismo vestido de opinião, a tentativa de me embranquecer – talvez para a minha presença ser mais palatável para ela? Não sei! O que sei é que essa violência durante meu estágio fez com que eu questionasse meu lugar ali. Segundo ela, e para ela, eu não era negro o suficiente para me considerar negro. A retirada da negritude pelo branco se dá como uma estratégia de embranquecimento do negro que está diante dele para que consiga lidar com as reverberações do seu próprio racismo. Com a retirada da negritude, o branco consegue

manter seu sistema psíquico em harmonia e o discurso do negro sobre si silenciado; para o corpo negro o silenciamento é a regra.

Curioso perceber que para o branco há o silêncio, a escolha pelo silêncio, já para o negro há o silenciamento. O corpo negro é convidado a falar para a redenção branca e sustentação do argumento de não ser racista. Reconheço uma diferença significativa entre silêncio e silenciamento. Entendo e adoto neste trabalho o silêncio como uma escolha, uma opção, um ato que o torna sujeito. Já o silenciamento é uma imposição violenta presumível de que só se pode falar quando alguém autoriza, caso fale sem autorização obrigará o ouvinte branco a lidar com tudo que será expressado e que ele não quer ouvir.

Durante minha trajetória acadêmica fui percebendo que a máxima “a pesquisa é um processo solitário” não cabe para nós estudantes negros. Pensando em uma perspectiva da comunidade e da filosofia Ubu-ntu não podemos acreditar que estamos sozinhos nesse processo. Como me lembrou Maria Lucia Silva no curso do Instituto AMMA “nossos passos vêm de longe”, por isso nossa escrita não será solitária, pois todas/todos aqueles que vieram antes, desbravando o caminho estarão nos acompanhando no mais profundo e potente lugar que nós temos: nossa Ancestralidade. Portanto, não considero minha escrita solitária! Estou em excelente companhia.

Minha escrita carrega Aqueles que o cristianismo retirou, demonizou, apagou e marginalizou. Escrevo com o dom da palavra de Esú (Laroyê, Esú!); escrevo com a força, a coragem e a bravura de meu Pai Logun Edé (Loci Loci! Meu pai Logun); escrevo com a determinação de Osún (Òóré Yéyé ó! Mamãe Osún); escrevo com a paciência e astúcia de Òsòdòsì (Òké Aro, meu Pai Òsòdòsì) e escrevo com o carinho, perseverança, amor e cuidado de Minha Yalorisá Silvinha de Osún. Também escrevo na companhia de mulheres e homens negros/os para, de algum modo, me reconectar com a minha história ancestral e familiar. Eu sou um homem cis que descobriu ser negro com 20 anos de idade quando realiza uma viagem de ônibus da cidade de Santa Maria (RS) até Salvador (BA), viajei para o “3º Encontro de Negros, Negras e Cotistas da União Nacional dos Estudantes”, primeira vez que eu vivenciava o que era estar em Quilombo. Todos nós, estudantes negros nos tornamos Malungos<sup>3</sup> e vamos sendo suporte um do outro.

---

<sup>3</sup> Companheiros de viagem.

Quando me vi nos companheiros de viagem consolidei a descoberta da minha negrura. Todo o processo de descobrir-me negro foi dolorido por reconhecer o que haviam retirado de mim e dos meus, mas também foi libertador por não estar mais preso às amarras do Mito da Democracia Racial. Depois de descobrir-me negro vivenciei o processo de me aceitar negro, com 23 anos de idade eu vivia o processo de perceber que todos os adjetivos atribuídos pelos brancos não condiziam com a verdade, nesse período me esforcei para enxergar de fato a minha beleza, a minha inteligência e o Power do meu Black. O branco e sua brancura perdem espaço e força de dominação na minha trajetória. Com 25 anos de idade me torno negro. Reconheço o meu lugar de privilégio em relação às mulheres negras, reconheço que elas são as mais afetadas pelas forças do colonialismo, sexismo e racismo. São as que mais sofrem com as amarras patriarcais da intelectualidade, por isso escrevo na companhia da Neusa Santos Souza, Maria Aparecida Silva Bento, Lélia Gonzalez, bell hooks, Patricia Hill Collins, Audre Lord, Nilma Lino Rodrigues, Bianca Santana, Angela Davis, Toni Morrison, Maya Angelou, Grada Kilomba, Petronilha Silva, Miriam Alves, escrevo com o Instituto AMMA Psique e Negritude e escrevo com todas as pessoas cotistas do Ensino Superior Brasileiro. Minha escrita não é solitária, não tem a pretensão de ser.

A escrita feita pelo corpo negro traz em sua essência a ideia da interseccionalidade. Quando falamos em estudantes negros, falamos de: estudantes negros, instituições, racismo, classe, violência, sexismo. Os negros universitários são provocados todos os dias por essas temáticas, pois elas envolvem a discussão sobre o bem estar, qualidade de vida e saúde física e psíquica dentro da Universidade. É nessa rede de afetos que a minha pesquisa vai apontando as suas inquietações. É a partir do emaranhado de negações que este corpo negro vai escrevendo outra história pessoal e familiar.

Minha pele/escrita negra não está aqui para representar o lugar da superação, do sofrimento em um exemplo meritocrático do “quem quer consegue, basta se dedicar”. Represento a potência negra que foi/é subjugada por uma sociedade racista que não superou o fim do regime escravocrata, que resiste e modifica o tecido social das universidades e que segue em luta para uma sociedade mais equânime, mais plural e mais tolerante com a diferença. Escrevo com a força das/dos que vieram antes de mim. A força desta escrita vem da minha ancestralidade carnal, espiritual e intelectual e principalmente também da companhia de outras/os estudantes negras/os.

Foi com a força dos coletivos que concluí a etapa da graduação e me aventurei na pós-graduação. Há dentro das universidades um evento potente que é promovido pelas/os estudantes negras/os: o desejo de estar entre os nossos nos move na construção de espaços em que possamos, com a nossa ética ancestral, acolher nosso povo. Assim produzimos subjetividades negras descoloniais, que ganham novas corporeidades à medida em que mais estudantes negros compõem esse espaço emancipador.

Ao recontrar a corporeidade negra de meu corpo, aos poucos me dou conta de que Escrevo. Escrevo porque preciso. Escrevo porque escrever é existir. Escrevo para quebrar o silenciamento imposto. Escrevo porque superei as estatísticas. Escrevo para honrar meus antepassados mortos durante o Holocausto da Escravidão que nos raptou da Terra Mãe África. Escrevo para reconectar-me com a negritude que me foi negatizada, negada, escondida e privada. Escrevo para despir-me da socialização branca a que fui submetido nesta sociedade colonial. Escrevo porque sou o primeiro da minha família a ousar traçar caminhos no Ensino Superior público e de qualidade.

Não escrevo com a pretensão branca de ser visto como referência. Não escrevo com a violência branca da exclusão de corpos e histórias negras, indígenas, travestis e transexuais. Não escrevo com o orgulho daqueles que habitam a Torre de Marfim da universidade. Não escrevo a partir do universal. Não escrevo com a paz branca, pois a paz é coisa de rico como muito bem nos lembra Naruna. Inspirado em Conceição Evaristo, não escrevo para que a casa grande adormeça – Escrevo, Sim, para que ela saia do seu sono injusto, para que enxergue a existência de vida nos lugares em que se nega a olhar, nos quais há potência, há resistência e muito mais humanidade do que ela pressupõe ter.

A existência de corpos negros, como o meu, no ambiente universitário é cotidianamente vista como ameaça. Vivemos a ambivalência da ameaça: somos ameaçados cotidianamente pelo racismo impregnado na Universidade e no sistema educacional brasileiro, ao mesmo tempo em que somos vistos como uma ameaça à hegemonia branca do Ensino Superior. Ser um corpo negro na pós-graduação me coloca diante da real desigualdade social que assola o país. Enquanto surge nas discussões teóricas em sala de aula as viagens pela Europa realizadas num período de doutorado Sanduíche e seus afins, escapa a ideia da salvação branca e a educação branca para com as comunidades periféricas. Enquanto há atos de racismo durante as discussões teóricas,

o silêncio permitido à branquitude é acionado e assim, se mantém a pseudo imagem de que nada aconteceu e que podemos seguir em frente como se a corda do punhal do racismo não tivesse sido cortada.

Durante a realização do curso de formação “Psicologia e as Relações Raciais”, promovido pela referência Instituto AMMA Psique e Negritude foi compartilhado com os participantes a analogia do racismo como um punhal que é colocado sobre a a nossa cabeça – pessoas negras. O punhal do racismo nos acompanha em todos os momentos do nosso cotidiano, ele não nos dá descanso e muito menos segurança, estamos sempre atentos para que a corda não seja rompida, caso seja, empenhamos esforços para que os estragos sejam os menores possíveis. Mas afinal, o que faz com que a corda se rompa? A corda é rompida a partir das ações racistas praticadas contra as pessoas negras. A cada ação racista infligida contra o corpo negro a corda que sustenta o punhal é cortada e esse corpo negro sofre com as consequências disso. Não conseguimos sair ilesos. Em alguns momentos somos mais rápidos e conseguimos evitar que o punhal caia em nossa cabeça, mas uma parte do nosso corpo é atingida; em outros momentos, o racismo é mais rápido e não conseguimos segurar o punhal, então ele nos acerta em cheio. Nós, pessoas negras, somos atingidos diariamente por esse punhal.

Se hoje escrevo é apesar desse punhal e de tantas outras barreiras levantadas, sigo porque hoje escrevo com a responsabilidade de ser o primeiro da minha família a ter um título de graduação. Não quero que minha história seja vista como exemplo da máxima “Quem quer consegue. Olhe para ele, lutou e conseguiu chegar até lá!”. Houve luta minha, mas não só isso, pessoas ajudaram, quilombos me acolheram, amigos me abraçaram. Ainda que houvesse um sistema que constantemente mostrasse que eu não deveria estar ali, que eu não poderia ser tão inteligente, culto.

Chega o momento em que preciso apresentar-lhes o que escrevi, o que o gotejar das reflexões produziu. Por mais que essa dissertação simbolize o encerramento de um ciclo, preciso dizer que ela não se encerra nisso, é a partir de agora que ela se abre para novas encruzilhadas, novos caminhos e inclusive novas reflexões. Estructurei-a do seguinte modo:

a) no capítulo 1, *Racismo(s): uma corda de muitos fios*, parto do entendimento de que o racismo é complexo e difuso, apresenta diversas formas de manifestação, portanto

me detenho a pensar sobre cinco conceitos do racismo: protorracismo, racismo à brasileira, racismo estrutural, racismo institucional e racismo cotidiano;

b) no capítulo 2, *Resgate Histórico da Colonização, Holocausto da Escravidão e Abolição*, traço um percurso histórico tencionando a história hegemônica, neste capítulo debato sobre a violência colonial que segue latente na sociedade atual;

c) o capítulo 3, *Políticas da Exclusão: políticas racistas voltadas para a (des)educação do negro*, traz um debate sobre as leis que excluía pessoas negras do acesso à educação, também debato sobre a ocidentalização da educação que age em prol da (des)educação do negro;

d) no capítulo 4, *Lutas e Conquistas dos Movimentos Negros na Educação e Política de Cotas*, reafirmo que: se chegamos, foi porque houve luta das nossas ancestrais, reflito sobre a importância dos movimentos negros nos diversos momentos históricos do Brasil. Nesse capítulo trago os movimentos negros como importantes atores da mudança social e educacional;

e) o capítulo 5, *A Construção de um Percurso no Pesquisar*, apresenta o percurso metodológico, os aspectos éticos, os objetivos, bem como uma apresentação das participantes da pesquisa<sup>4</sup>;

f) e por fim, no capítulo 6, *Fora do Lugar: expressões do racismo na sala de aula*, capítulo em que apresento os episódios de racismos vividos por quinze participantes durante o seu percurso no ensino superior. Nesse capítulo apresento cenas que explicitam o impacto do racismo, a percepção do racismo no ambiente universitário e as estratégias que as mantiveram no ensino superior.

---

<sup>4</sup> As questões éticas desta pesquisa estão respaldadas pela Resolução nº 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde, Ofício Circular Nº 2/2021 do CONEP, Resolução 466/2012 e a pesquisa teve a aprovação do comitê de ética em pesquisa do Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, sob o número de parecer: 5.632.709.

## PALAVRAS FINAIS

Iniciei essa pesquisa com uma primeira questão que me acompanha antes mesmo de entrar no mestrado: Qual o impacto do racismo vivenciado dentro de universidades brasileiras na formação e trajetória de profissionais negras/os? Sabemos que os racismos são nocivos para nossa existência, vivemos em completo estado de alerta e sempre na defensiva e isso apresenta impactos biológicos, psicológicos e sociais. Na produção dessa dissertação uma passagem de Audre Lorde (2019) foi minha companheira de escrita e de reflexões, foi um ponto onde pude acolher e elaborar as reverberações da escrita, das escutas e até mesmo dos episódios de racismo vividos durante essa trajetória. Essa é uma escrita que sangra, que corta, que mexe, é uma escrita que dói porque conta a história vivida pelo povo preto dentro do espaço universitário (não só nele, mas também na sociedade em geral, porém meu foco aqui é falar de um recorte específico: o ensino superior), ao contar essas histórias a raiva se fez presente.

Não uma raiva gratuita, mas uma raiva que mobiliza, que é despertada ao percebermos que a história contada para nós tem o objetivo de nos aprisionar na condição de escravos, negam-nos nossas riquezas culturais, intelectuais, científicas. Nós, pessoas pretas, estamos nos dando conta disso e reivindicamos a história do negro. Temos a produção do jornalista Tiago Rogero com o podcast Projeto Quirino, onde em um dos episódios desse podcast ele resgata uma frase do fotógrafo e ativista Januário Garcia: “existe uma história do negro sem o Brasil. O que não existe é uma história do Brasil sem o negro”, ou seja, nossa história não começa no holocausto da escravidão, tampouco somos um povo sem virtude que acabou por escravo, como insiste o hino do Rio Grande do Sul. Em usos e sentidos da raiva, no texto de Audre Lorde (2019) encontrei a seguinte passagem:

Se eu falo com vocês enraivecida, pelo menos o que fiz foi falar; não coloquei uma arma na sua cabeça nem atirei em você na rua; não olhei para o corpo ensanguentado de seu irmão e perguntei: “O que ela fez para merecer isso?” (LORDE, 2019, p. 163)

Falei. Falamos. Falaremos. Estamos rompendo com a máscara do silenciamento e escrevemos para registrar não só nossa raiva, mas também ela. Não escrevo sozinho, não escrevo com a intenção branca da unidade, do universal, escrevo a partir de um ponto



muito específico e singular, como demarquei no primeiro capítulo. Escrevo com as rezas de minha avó, com a garra de minha mãe, com o axé do Orixás e principalmente, na companhia das que vieram antes e abriram caminho para esse quilombo que é a intelectualidade negra. Também escrevo porque sim, Existo! Mesmo que as salas de aula neguem a nossa existência e nos tratem como a exceção; e finalmente escrevo porque nossos corpos-histórias existem em toda sua potência e seguem firmes, unidos por uma educação e sociedade antirracista.

Penso que para lutarmos contra o racismo precisamos entender suas metamorfoses. Sim, sabemos na pele o que é o racismo, sentimos o impacto de sua violência no dia-a-dia, na reportagem de televisão com o racismo jornalístico que reserva ao negro a condenação antecipatória e para o branco o lugar da dúvida colocando-o como suposto/suspeito: suposto assaltante, suposto assassino, suposto traficante, o suposto criminoso, entre vários outros exemplos. É importante lembrar que dentro de algumas expressões do racismo encontra-se o protorracismo, uma forma primeira de expressão da discriminação surgida nos tempo antigos onde as migrações começam a acontecer e há embate territoriais entre os povo melanodérmicos e leucodérmicos, assim pautado no que ensina Carlos Moore pude perceber que o protorracismo apresenta uma dimensão simbólica onde elementos reconhecidos nos racismos da atualidade apresentam componentes do protorracismo; para além disso, torna-se nítida a importância de investirmos esforços no estudo de uma história antiga.

Também é possível observar as especificidades do racismo à brasileira que carregam o ideário do mito da democracia racial, as políticas de miscigenação e embranquecimento, e são parte fundante da sociedade brasileira, seguindo vivas no imaginário social das pessoas esse ideário que trabalha para a produção de subjetividade como manutenção das localizações sociais, ou seja, trabalha-se para que o *status* do branco seja mantido e para que o negro seja excluído. As expressões do racismo não são excludentes entre si, elas coexistem na sociedade e isso as torna complexas, como exemplo dessa complexidade destaco o racismo estrutural e o racismo institucional ambos estão muito próximos e interligados, no entanto falam de expressões do distintas do racismo. No racismo estrutural há a exclusão dos negros a partir da estrutura social construída, onde os privilégios são mantidos no círculo branco, o Holocausto da Escravidão pode ser visto como um exemplo da estruturação do racismo. O racismo

institucional, também conhecido como racismo sistemático, é a versão mais negligenciada do racismo; no racismo institucional a ação é difusa e combina ações dentro da esfera pública e privada de forma intercalada e simultânea.

Grada Kilomba (2019) contribui para o debate a respeito das formas do racismo apresentando o conceito fundamental, para essa pesquisa, de racismo cotidiano. Vale ressaltar que o racismo cotidiano é um ritual branco de conquista colonial que se dá a partir da invasão do corpo e da subjetividade, estando presente nessa expressão do racismo um forte elemento do colonialismo. O colonialismo é um importante elemento para pensar o Holocausto da Escravidão e a manutenção da exclusão dos negros. É a partir da ideologia colonial que ocorrem as políticas de exclusão da população negra da sociedade. A história única que nos foi contada na escolarização primária e secundária age para a manutenção dos mitos da benevolência branca na figura da Princesa Isabel, que bondosa e preocupada com os “escravos”, assinou a Lei Áurea em 1888, só que se esquecem de nos contar que houve lutas e rebeliões contra o bárbaro e violento sistema escravocrata, escondem a história das formações dos quilombos resumindo o conceito à junção de negros fugidos. A história única está a serviço da construção do silenciamento e manutenção da história colonial. Romper com essa história significa romper com o silenciamento e refletir a respeito das universidades ocidentalizadas e embranquecidas.

As universidades ocidentalizadas operam à serviço da (des)educação do negro, pois há mais de quinhentos anos a educação é pautada em modelos europeus com a imposição da universalidade branca como regra e referência. O negro inserido em salas de aulas ocidentalizadas é deseducado em diversos níveis, ensina-se que ele é descendente de escravos enquanto o colega branco descende de reis e rainhas europeus, ensina-se a esses estudantes que o negro é inferior, não é inteligente entre outros adjetivos, já vistos no decorrer deste trabalho. Há na (des)educação do negro forte componentes da ideologia racista que precisa ser questionada e transformada. Para que ocorra essa transformação os movimentos negros são atores fundamentais, pois são eles que reivindicam e lutam pela melhoria da vida do povo preto.

Os movimentos negros no Brasil existem desde o momento em que o Holocausto da Escravidão foi posto em execução, não é plausível acreditar que os africanos submetidos a tal holocausto aceitaram isso de bom grado, pelo contrário houve lutas, fugas, estratégias de resistência, quilombos foram formados, técnicas de fuga

desenvolvidas, destruição de engenhos. A luta coletiva sempre foi um motor para a nossa liberdade. Sabemos que a liberdade também perpassa pela libertação da episteme, do pensamento e, por isso, a educação assume um papel importante para os movimentos negros. Os movimentos negros foram e são essenciais para a construção social do negro no Brasil, pois a ação deles está no combate ao racismo, na positivação da negritude, no rompimento das amarras coloniais e adjetivação negativa das negras/os. É necessário explicitar uma das conquistas mais marcantes que é a comitiva que participou da III Conferência de Durban, é com a participação nessa conferência que o governo brasileiro pára de negar a existência do racismo e assume internacionalmente que existe a presença do racismo institucional no nosso país, também se coloca em ação para pensar ações afirmativas voltadas para a população negra.

Diante desses eventos contrários, o posicionamento político do movimento negro foi importante para pautar o debate sobre as desigualdades educacionais, sociais e de emprego que afetavam a população negra. No campo educacional, as políticas de ações afirmativas produziram quadros estudantis negros na graduação, mestrado e doutorado, mudou-se significativamente as formas de pesquisar e os temas de pesquisa, a partir disso o negro deixa de ser objeto de estudo e passa a ser agente da pesquisa e do pesquisar, ressignificando as teorias, metodologias usadas. A partir disso, gostaria de trazer para essa conversa final um apontamento fundamental no meu modo de escrever essa dissertação, quero retomar aqui, que a escrevivência permeia esse trabalho não como uma metodologia, mas sim como um posicionamento ético-político-estético. Listo algumas motivações que levaram a isso: aliada à proposta da análise episódica de Grada Kilomba, a escrevivência também subverte o modo de escrita hegemônico que engessa o autor em um lugar de quem apenas observa as cenas acontecendo e depois trabalha nesse material como alguém neutro. A neutralidade nesse trabalho não existe, há um lugar, uma posição que é ocupada por mim, uma posição política, uma posição racial, uma posição que também é afetada, diretamente, pelos impactos do racismo cotidiano.

Não há como separar o que, a partir da ideia positivista de neutralidade e distanciamento, as vivências de bell, Carol, José, Isabela, Marlete, Heitor, Regina, Patricia, Oxun, Tamara, Andreia, Igor, Dandara, Borboleta e Moises dentro da universidade, das minhas vivências. A melanina nos une, e faz com que mesmo em territórios diferentes tenhamos vivências semelhantes. Ouvir as histórias de cada uma das

participantes mostrou a existência de um entrelaçamento em todas as histórias. Algumas participantes se conheciam entre si, outras eram amigas ou foram colegas, mas na maioria não havia nenhum laço de proximidade; independente de se conhecerem ou não, os relatos individuais evidenciaram vivências semelhantes de racismo cotidiano dentro do ensino superior, a sala de aula caracterizou-se como um lugar onde a violência racista era cotidiana, desde humilhação, exclusão, reprovações por ser cotista até o questionamento “você tem certeza que é seu?”; o campo de estágio foi outro palco onde o racismo cotidiano foi encenado pacientes verbalizando para a professora, que nada fez a não ser falar para a estudante ir lá e mostrar como era boa, que preferia alguém “assim, mais clarinha”.

Esses foram alguns dos episódios vividos por bell, Carol, José, Isabela, Marlete, Heitor, Regina, Patrícia, Oxun, Tamara, Andreia, Igor, Dandara, Borboleta e Moises. Embora essa dissertação tenha assumido o racismo como protagonista das causas de sofrimento em estudantes negras, de modo algum perdi de vista que existem outros marcadores que corroboram para a produção de sofrimentos. O interesse aqui foi de refletir sobre os impactos do racismo em nosso cotidiano acadêmico, tendo em vista que o racismo hoje não se apresenta tão fortemente com xingamentos e humilhações explícitas, parece-me que há um consenso entre todas as entrevistadas com quem conversei de que a manifestação mais comum do racismo na vivência delas se deu no campo da sutileza.

De acordo com as entrevistas os episódios de racismo experienciados no decorrer da trajetória acadêmica dentro do ensino superior provocaram fortes impactos na formação acadêmica e profissional, fazendo com que algumas das entrevistadas abandonassem a carreira, outras abandonassem a vida acadêmica, como por exemplo abandonar o desejo de fazer um mestrado e um doutorado. Para além do impacto na particularidade de cada uma, pensando em um âmbito coletivo, o racismo impacta indiretamente as estudantes negras que vão ingressar no ensino superior de modo que ao desistirem de ocupar os bancos acadêmicos da pós-graduação outras estudantes de graduação não as terão como referência. No entanto, é preciso ressaltar que o mercado de trabalho ganha profissionais excelentes.

O impacto vivido também reverbera na saúde mental, na autoestima, no reconhecimento e na confiança de que essas profissionais – na época da graduação

estudantes – desenvolvem sobre si mesmas. O racismo causa uma fissura nociva, operado pela branquitude tenta convencer pessoas negras de que são incapazes de serem boas profissionais, é esse sofrimento que tenciona a vida acadêmica e coloca nas pessoas negras a pressão para serem excelentes, serem as melhores estudantes. Relatos sobre a necessidade da excelência acadêmica surge como uma ferramenta de proteção, que na verdade é mais uma das formas de racismo: fazer com que a estudante negra cotista tenha que ser duas, três vezes melhor do que os estudantes brancos.

Os episódios foram vividos, na sua maioria dentro dos espaços que deveriam ser de formação e não de violência. A sala de aula, assim como os campos de estágios, aliados a falta de sensibilidades dos professores e professoras mostraram-se como principais fontes desencadeadoras de racismo cotidiano e produtora de sofrimento psíquico. Não estou afirmando que todo espaço de sala de aula é um desencadeador de sofrimento para estudantes negras, o que digo é que toda sala de aula é potencialmente um lugar em que o racismo cotidiano irá aparecer e provocar sofrimento. É preciso lembrar que a sala de aula referida aqui diz de um todo complexo que é formado por pessoas e relações interpessoais, mas por que digo isso? Porque as salas de aulas do ensino superior brasileiro são regidas pelas forças e preconceitos da branquitude, a sala de aula é a expressão máxima da fusão dos racismos, nela encontram-se o racismo científico que afirma a inferioridade dos estudantes negros, o racismo cotidiano ao dizer que uma estudante negra não é tão negra, ou que um estudante para ter um macbook precisaria ter furtado.

As vivências nesses espaços: sala de aula, grupos de pesquisa, salas de estágio, grupos de supervisão, áreas comuns da universidade foram apontadas como espaços que causam dor porque o corpo negro é posto sempre sob um olhar de não pertencimento, ou então daquele que teve o acesso facilitado. É preciso pontuar que as falas maquiadas de opinião, preocupação e cuidado também são lugares em que a negrura é rechaçada pelo branco, ou seja é um lugar que também causa sofrimento. Notemos que os debates sobre as Políticas de Cotas tem início na virada do século XX para o XXI, em 2001 temos a UERJ como pioneira na implementação dessa política, e também em 2001 na Conferência de Durban o Brasil assume o compromisso com as ações afirmativas, mas somente em 2012 a Lei nº 12.711/2012 foi sancionada, praticamente doze anos depois dos primeiros movimentos reivindicatórios. Então, desde a primeira turma de estudantes beneficiário

dessa política, no ano de 2001, até os mais recentes agora em 2023, temos 22 anos de história e conquistas, no entanto essa dissertação segue mostrando que embora tenhamos conquistado tais políticas apenas o ingresso de pessoas negras no ensino superior não é capaz de simplesmente, através de uma lei, mudar o cenário agressivo, violento, supremacista branco, que é o racismo. Essa dissertação evidencia que independente do ano de ingresso no ensino superior o racismo segue agindo para a aniquilação física e psíquica dos corpos negros que ocupam esse espaço.

Embora o racismo trabalhe para que nos separemos e nos distancie, pois reconhece que a nossa união significa resistência a esse sistema opressor operado por ele, nosso movimento de união, de aquilombamento e de junção em movimentos negros caracterizam nossas estratégias fundamentais de permanência e produção de saúde dentro da universidade. Necessário fazer a pontuação de que não entendo o racismo como uma entidade abstrata que opera de forma independente e solitário, para isso a branquitude com suas ideologias de universalidade são os principais atores da prática dessa violência, quando falo que o “o racismo opera” é porque está implícito os atores operacionais disso. Em conjunto com as participantes entendemos que o reencontro com o nosso povo, com a nossa ancestralidade e como a nossa história – não história que nos foi contada a partir de um eurocentrismo – são elementos cruciais para nossa permanência nesses espaços.

Não há um caminho único para isso, não queremos uma única via como propõe o colonialismo, o patriarcado e as políticas eugênicas; queremos a pluriversalidade, a as diferenças, pois é isso que nós dá força para seguir lutando dentro desse sistema de opressão e violência. Assim como as participantes, eu também encontrei como estratégias de permanência o movimento de aquilombamento, não só com colegas, mas com minha família, minha casa de axé, meus ancestrais, encontrei quilombo em cada uma das vozes que compõe esse trabalho, me aquilombei com bell, Carol, José, Isabela, Marlete, Heitor, Regina, Patrícia, Oxun, Tamara, Andreia, Igor, Dandara, Borboleta e Moises e suas histórias. E é assim que cada uma de nós, no decorrer das entrevistas fomos entendendo que nós, enquanto povo preto produzimos saúde, bem-estar, acolhimento, movimento, resistência, dengos e muito mais, é com isso que permanecemos vivas dentro da universidade, também porque entendemos que: Com a nossa melanina produzimos R.E.V.O.L.U.Ç.Ã.O.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**. 1ª ed. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2019.

ALMEIDA, Marco Antonio Bettine de; SANCHEZ, Livia. Os negros na legislação educacional e educação formal no Brasil. **Revista Eletrônica de Educação**, v. 10, n. 2, p. 234–246, 31 ago. 2016. <https://doi.org/10.14244/198271991459>.

ALMEIDA, Silvio. **Racismo estrutural**. São Paulo: Sueli Carneiro : Pólen, 2019 (Feminismos plurais).

ALVES, Míriam Cristiane; JESUS, Jayro Pereira de. **A Matriz Africana: Epistemologias e Metodologias Negras, Descoloniais e Antirracistas**. Rede Unida, 2020. v. 2, . DOI 10.18310/9786587180328. Disponível em: <https://editora.redeunida.org.br/project/a-matriz-africana-epistemologias-e-metodologias-negras-descoloniais-e-antirracistas/>. Acesso em: 3 fev. 2022.

BARROS, Surya Pombo de. Escravos, libertos, filhos de africanos livres, não livres, pretos, ingênuos: negros nas legislações educacionais do XIX. **Educação e Pesquisa**, v. 42, p. 591–605, set. 2016. <https://doi.org/10.1590/S1517-9702201609141039>.

BAUER, Martin W; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. trad. Pedrinho A. Guareschi. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

BENEDICTO, Ricardo Matheus. **Afrocentricidade, educação e poder: uma crítica afrocêntrica ao eurocentrismo no pensamento educacional brasileiro**. 2017. Doutorado em Educação – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017. DOI 10.11606/T.48.2017.tde-29032017-161243. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-29032017-161243/>. Acesso em: 28 jul. 2022.

BENEDICTO, Ricardo Matheus. Educação quilombista: uma proposta de educação afrocêntrica no Brasil. **Revista Sul-Americana de Filosofia e Educação (RESAFE)**, n. 31, p. 18–33, 17 nov. 2019a. <https://doi.org/10.26512/resafe.vi31.28254>.

BENEDICTO, Ricardo Matheus. O ideal de branqueamento no projeto educacional de José Veríssimo. **Revista Sul-Americana de Filosofia e Educação (RESAFE)**, n. 30, p. 49–63, 16 nov. 2019b. <https://doi.org/10.26512/resafe.vi30.28240>.

BENTO, Maria Aparecida Silva. Branqueamento e branquitude no Brasil. In: CARONE, Iray; BENTO, Maria Aparecida Silva; PIZA, Edith Pompeu (orgs.). **Psicologia social do racismo: estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil**. Coleção Psicologia social. Petrópolis: Editora Vozes, 2014. p. 25–57.

BENTO, Maria Aparecida Silva. **O pacto da branquitude**. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2022.

BENTO, Maria Aparecida Silva. **Pactos Narcísicos no Racismo: branquitude e poder nas organizações empresariais e no poder público**. 2002. 176 p. f. Tese de Doutorado em Psicologia – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002. . Acesso em: 26 ago. 2021.

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. 1988. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicao.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm). Acesso em: 4 mar. 2022.

BRASIL. Lei de 15 de outubro de 1827. 1827. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/lim/LIM..-15-10-1827.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/lim/LIM..-15-10-1827.htm). Acesso em: 5 mar. 2022.

BRASIL. Lei nº 5.465 de 3 de julho de 1968. 3 jul. 1968. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/1950-1969/15465.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/1950-1969/15465.htm). Acesso em: 25 maio 2022.

BRASIL. Lei nº 11.096, de 13 de janeiro de 2005. 2005. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2004-2006/2005/lei/111096.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/lei/111096.htm). Acesso em: 28 maio 2022.

BRASIL. Lei nº 16 de 12 de agosto de 1834. 1834. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/lim/lim16.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/lim/lim16.htm). Acesso em: 5 mar. 2022.

BRASIL, Conselho Nacional de Ética em Pesquisa. **Ofício circular nº 2/2021**. 24 fev. 2021.

BRASIL, Conselho Nacional de Saúde. **Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012**. [S. l.: s. n.], 2012. Disponível em: <https://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2012/Reso466.pdf>. Acesso em: 18 mar. 2022.

BRASIL, Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. Resolução no 510, de 7 de abril de 2016. 2016.

CARNEIRO, Sueli. **A construção do outro como não-ser como fundamento do ser**. 2005. 339 f. Tese de Doutorado em Educação – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005. . Acesso em: 19 dez. 2021.

CARNEIRO, Sueli. **Escritos de uma vida**. São Paulo: Editora Jandaia, 2020.

CARNEIRO, Sueli. **Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil**. São Paulo: Selo Negro Edições, 2011 (Consciência em debate).

CARONE, Iray; BENTO, Maria Aparecida Silva; PIZA, Edith Pompeu (Orgs.). **Psicologia social do racismo: estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil**. Petrópolis: Editora Vozes, 2002(Coleção Psicologia social).

CASTANHA, André Paulo. O Ato Adicional de 1834 na história da educação brasileira. **Revista Brasileira de História da Educação**, v. 6, n. 1 [11], p. 169–195, 2006. .

CERQUEIRA, Daniel; et al. **Atlas da Violência 2021**. São Paulo: FBSP, 2021. Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/arquivos/artigos/1375-atlasdaviolencia2021completo.pdf>. Acesso em: 4 nov. 2021.

CÉSAIRE, Aimé. **Discurso sobre o Colonialismo**. 1ª ed. São Paulo: Veneta, 2020.



- COLLINS, Patrica Hill; BILGE, Sirma. **Interseccionalidade**. 1ª ed. São Paulo: Boitempo, 2021.
- CRESWELL, John W. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto**. Porto Alegre: Sage, 2010.
- CUTI. Quem tem medo da palavra negro. *In*: KON, Noemi Moritz; SILVA, Maria Lúcia da; ABUD, Cristiane Curi (orgs.). **O racismo e o negro no Brasil: questões para a psicanálise**. 1ª edição. São Paulo, SP, Brasil: Perspectiva, 2017. p. 197–212.
- DIANGELO, Robin. Fragilidade branca. **Revista ECO-Pós**, v. 21, n. 3, p. 35–57, 26 dez. 2018a. <https://doi.org/10.29146/eco-pos.v21i3.22528>.
- DIANGELO, Robin. **Não basta não ser racista: sejamos antirracistas**. 1ª ed. Barueri: Faro Editorial, 2018b.
- ELISA LUCINDA – DIÁLOGOS AUSENTES (2017). São Paulo: Itaú Cultural, 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=w5UBFd0wZ94>. Acesso em: 8 abr. 2022.
- EVARISTO, Conceição. A gente combinamos de não morrer. **Olhos d'água**. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2014.
- FANON, Frantz. **Pele Negra, Máscaras Brancas**. São Paulo: Ubu Editora, 2020.
- FERREIRA, Suiane Costa. Racismo provoca tensão, alterações fisiológicas e danos na saúde mental. 2020. **Alma Preta Jornalismo**. Disponível em: <https://almapreta.com/sessao/quilombo/racismo-provoca-tensao-alteracoes-fisiologicas-e-danos-na-saude-mental>. Acesso em: 10 dez. 2022.
- FONSECA, Dagoberto José. **Políticas públicas e ações afirmativas**. São Paulo, SP: Selo Negro Edições, 2009(Consciência em debate).
- GENNARI, Emilio. **Em busca da liberdade: traços das lutas escravas no Brasil**. 2ª ed. São Paulo: Expressão Popular, 2011.
- GOMES, Nilma Lino. Diversidade étnico-racial: por um projeto educativo emancipatório. *In*: FONSECA, Marcus Vinícius; SILVA, Carolina Mostaro Neves da; FERNANDES, Alexsandra Borges (orgs.). **Relações étnico-raciais e educação no Brasil**. Pensar a educação, pensar o Brasil. Série Seminários. Belo Horizonte, MG: Mazza Edições, 2011.
- GOMES, Nilma Lino. Movimento negro e educação: ressignificando e politizando a raça. **Educação & Sociedade**, v. 33, n. 120, p. 727–744, set. 2012. <https://doi.org/10.1590/S0101-73302012000300005>.
- GOMES, Nilma Lino. O movimento negro brasileiro indaga e desafia as políticas educacionais. **Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)**, v. 11, n. Ed. Especi, p. 141–162, 6 maio 2019. .
- GOMES, Nilma Lino. **O Movimento Negro educador: saberes construídos nas lutas por emancipação**. Petrópolis: Editora Vozes, 2017.

GOMES, Nilma Lino. Trajetórias escolares, corpo negro e cabelo crespo: reprodução de estereótipos ou resignificação cultural? **Revista Brasileira de Educação**, n. 21, p. 40–51, dez. 2002. <https://doi.org/10.1590/S1413-24782002000300004>.

GONÇALVES FILHO, José Moura. A dominação racista: o passado presente. *In*: KON, Noemi Moritz; SILVA, Maria Lúcia da; ABUD, Cristiane Curi (orgs.). **O racismo e o negro no Brasil: questões para a psicanálise**. 1ª ed. São Paulo, SP, Brasil: Perspectiva, 2017. p. 143–159.

GONÇALVES, Luiz Alberto Oliveira. Pensar a educação, pensar o racismo no Brasil. *In*: FONSECA, Marcus Vinícius; SILVA, Carolina Mostaro Neves da; FERNANDES, Alessandra Borges (orgs.). **Relações étnico-raciais e educação no Brasil**. Pensar a educação, pensar o Brasil. Série Seminários. Belo Horizonte, MG: Mazza Edições, 2011.

GONÇALVES, Luiz Alberto Oliveira; SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves e. Movimento negro e educação. **Revista Brasileira de Educação**, , p. 134–158, dez. 2000.

GROSGOUEL, Ramón. A estrutura do conhecimento nas universidades ocidentalizadas: racismo/sexismo epistêmico e os quatro genocídios/epistemicídios do longo século XVI. **Sociedade e Estado**, v. 31, n. 1, p. 25–49, abr. 2016. <https://doi.org/10.1590/S0102-69922016000100003>.

GUALTIERI, Regina Cândida Ellero. Educar para regenerar e selecionar. Convergências entre os ideários eugênico e educacional no Brasil. **Estudos de Sociologia**, , p. 91–110, 2008. .

HERINGER, Rosana. Promoção da igualdade racial no Brasil: um objetivo democrático. **TEORIA E PESQUISA**, p. 17, 2003.

hooks, bell. Ensino 8: conversação. **Ensinando pensamento crítico: sabedoria prática**. São Paulo: Elefante, 2020a. p. 81–86.

hooks, bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. 2ª ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2017.

hooks, bell. **Ensinando comunidade: uma pedagogia da esperança**. São Paulo: Elefante Editora, 2021.

hooks, bell. **Ensinando pensamento crítico: sabedoria prática**. São Paulo: Elefante, 2020b.

HÜNING, Simone Maria; SILVA, Aline Kelly da; NETTO BRAGA, Tathina Lúcio. Vulnerabilidade da população negra e políticas educacionais no Brasil. **Cadernos CEDES**, v. 41, p. 110–119, 29 mar. 2021. <https://doi.org/10.1590/CC223650>.

JESUS, Rodrigo Ednilson de. Mecanismos eficientes na produção do fracasso escolar de jovens negros: estereótipos, silenciamento e invisibilização. **Educação em Revista**, v. 34, n. 0, 18 jan. 2018. <https://doi.org/10.1590/0102-4698167901>. Acesso em: 18 fev. 2022.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano**. Rio de Janeiro: Editora Cobogó, 2019.

LIMA, Priscila Nottingham de. Recontar para ressignificar: passado e presente em pauta no racismo estrutural. **Revista Brasileira de História**, v. 41, n. 88, p. 359–365, dez. 2021. <https://doi.org/10.1590/1806-93472021v41n88-17>.

LOPES, Nei; SIMAS, Luiz Antonio. **Filosofias africanas: uma introdução**. 1ª edição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2020.

LÓPEZ, Laura Cecilia. O conceito de racismo institucional: aplicações no campo da saúde. **Interface - Comunicação, Saúde, Educação**, v. 16, n. 40, p. 121–134, 20 mar. 2012. <https://doi.org/10.1590/S1414-32832012005000004>.

LORDE, Audre. **Irmã outsider: ensaios e conferências**. 1ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

MACHADO, Pedro Henrique; SANTOS, Samara Silva dos. Memórias do Brasil: invasão, tráfico de negros e violência. **Revista Contexto & Educação**, v. 37, n. 116, p. 293–307, 3 jan. 2022. <https://doi.org/10.21527/2179-1309.2022.116.11478>.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica: biopoder, soberania, estado de exceção, política de morte**. São Paulo: n-1 edições, 2018.

MIGNOLO, Walter D. Colonialidade: o lado mais escuro da modernidade. trad. Marco Oliveira. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 32, n. 94, p. 01, 2017. <https://doi.org/10.17666/329402/2017>.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. Rio de Janeiro: Vozes, 2012.

MONTESQUIEU. **O espírito das leis**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

MOORE, Carlos. **Racismo e sociedade: novas bases epistemológicas para entender o racismo**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2007.

MOORE, Carlos. **Racismo e sociedade: novas bases epistemológicas para entender o racismo**. Belo Horizonte: Nandyala, 2020.

MOURA, Clóvis. **Racismo e luta de classes no Brasil - textos escolhidos de Clóvis Moura**. Brasil: Editora Terra Sem Amos:, 2020.

MUNANGA, Kabengele. As ambiguidades do racismo à brasileira. *In*: KON, Noemi Moritz; SILVA, Maria Lúcia da; ABUD, Cristiane Curi (orgs.). **O racismo e o negro no Brasil: questões para a psicanálise**. 1ª ed. São Paulo, SP, Brasil: Perspectiva, 2017.

MUNANGA, Kabengele. **Kabengele Munanga, o antropólogo que desmistificou a democracia racial no Brasil**. 2019a. Disponível em: <https://www.cartamaior.com.br/?/Editoria/Direitos-Humanos/Kabengele-Munanga-o-antropologo-que-desmistificou-a-democracia-racial-no-Brasil/5/44091>. Acesso em: 31 mar. 2022.

MUNANGA, Kabengele. **Negritude: Usos e sentidos**. 4<sup>a</sup> ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

MUNANGA, Kabengele. **Nosso racismo é um crime perfeito – Entrevista com Kabengele Munanga**. 2010. Disponível em: <https://fpabramo.org.br/2010/09/08/nosso-racismo-e-um-crime-perfeito-entrevista-com-kabengele-munanga/>. Acesso em: 11 jan. 2022.

MUNANGA, Kabengele. Políticas de ação afirmativa em benefício da população negra no Brasil: um ponto de vista em defesa de cotas. **Sociedade e Cultura**, v. 4, n. 2, 2001. DOI 10.5216/sec.v4i2.515. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/fcs/article/view/515>. Acesso em: 24 ago. 2021.

MUNANGA, Kabengele. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra**. 5<sup>a</sup> ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2020b.

NASCIMENTO, Beatriz. A luta dos quilombos: ontem, hoje e amanhã. *In*: RATTTS, Alex (org.). **Uma história feita por mãos negras**. Rio de Janeiro: Zahar, 2021a. p. 236–241.

NASCIMENTO, Beatriz. O conceito de quilombo e a resistência cultural negra [1985]. *In*: RATTTS, Alex (org.). **Uma história feita por mãos negras**. Rio de Janeiro: Zahar, 2021b.

NASCIMENTO, Beatriz. **Uma história feita por mãos negras**. Rio de Janeiro: Zahar, 2021c.

NASCIMENTO, Abdias do. **O genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado**. 1<sup>a</sup> ed. São Paulo: Editora Perspectiva S.A, 2016.

NASCIMENTO, Abdias do. **O quilombismo: documentos de uma militância pan-africanista**. 3a edição, revista. [Rio de Janeiro, Brazil] : São Paulo, SP, Brasil: IPEAFRO ; Perspectiva, 2019.

NASCIMENTO, Abdias do. Quilombismo: um conceito emergente do processo histórico-cultural da população afro-brasileira. *In*: NASCIMENTO, Elisa Larkin (org.). **Afrocentricidade. uma abordagem epistemológica inovadora**. Sankofa: matrizes africanas da cultura brasileira. Reed. São Paulo, SP: Selo Negro Edições, 2008. v. 4, .

NASCIMENTO, Elisa Larkin. **Pan-africanismo na América do Sul: emergência de uma rebelião negra**. São Paulo: Selo Negro, 1981.

NOGUEIRA, Renato. Fanon: uma filosofia para reexistir. *In*: FANON, Frantz **Alienação e liberdade: escritos psiquiátricos**. São Paulo: Ubu Editora, 2020.

PANZA, Gregory A.; PUHL, Rebecca M.; TAYLOR, Beth A.; ZALESKI, Amanda L.; LIVINGSTON, Jill; PESCATELLO, Linda S. Links between discrimination and cardiovascular health among socially stigmatized groups: A systematic review. **PLOS ONE**, v. 14, n. 6, p. e0217623, 10 jun. 2019. <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0217623>.

- PATTO, Maria Helena Souza. **A produção do fracasso escolar: histórias de submissão e rebeldia**. 4<sup>a</sup> ed. revista e ampliada. São Paulo: Intermeios, 2015.
- PRESTES, Clélia R. S. **Estratégias de promoção da saúde de mulheres negras: interseccionalidade e bem viver**. 2018. 206 f. Tese de Doutorado em Psicologia – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47134/tde-14112018-184832/pt-br.php>. Acesso em: 27 ago. 2021.
- REVISTA O VIÉS. **“Deixa o preto estudar” – revista o Viés (2009-2016)**. 2012. Disponível em: <https://www.revistaovies.com/2012/08/17/deixa-o-preto-estudar-2/>. Acesso em: 25 maio 2022.
- RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte, MG: Letramento, Justificando, 2017 (Feminismos Plurais).
- RIBEIRO, Djamila. **Pequeno manual antirracista**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- SANTANA, Bianca; VELASCO, Mateu. **Quando me descobri negra**. São Paulo, SP: SESI-SP Editora, 2015 (Quem lê sabe por quê).
- SANTOS, Boaventura de Sousa. **Pela Mão de Alice**. São Paulo: Cortez Editora, 1995.
- SANTOS, Gislene Aparecida dos. Racismo institucional: uma análise a partir da perspectiva dos estudos pós-coloniais e da Ética. **Ensaio Filosófico**, v. Volume XI, p. 145–165, 2015.
- SANTOS, Renata Guerda de Araújo. A produção do cuidado em saúde mental: Uma perspectiva comunitária quilombista. **Psicoperspectivas**, v. 20, p. 55–66, jul. 2021.
- SCHWARCZ, Lilia Moritz; GOMES, Flávio dos Santos (Orgs.). **Dicionário da escravidão e liberdade: 50 textos críticos**. 1<sup>a</sup> ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.
- SILVA, Marcos Antonio Batista da. Racismo institucional: pontos para reflexão. **LAPLAGE EM REVISTA**, v. 3, n. 1, p. 127–136, 14 abr. 2017. <https://doi.org/10.24115/S2446-6220201731223p.127-136>.
- SILVA, Maria Lúcia da. Racismo no Brasil: questões para psicanalistas brasileiros. In: KON, Noemi Moritz; ABUD, Cristiane Curi; SILVA, Maria Lúcia da (orgs.). **O racismo e o negro no Brasil: questões para a psicanálise**. 1<sup>a</sup> ed. São Paulo, SP, Brasil: Perspectiva, 2017.
- SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves e. Ações afirmativas na UFSCar – em busca da qualidade acadêmica com compromisso social. **Políticas Educativas – PolEd**, v. 2, n. 1, 2008. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/PolEd/article/view/18350>. Acesso em: 24 ago. 2021.
- SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves e. **Entre Brasil e África: construindo conhecimento e militância**. Belo Horizonte, MG: Mazza Edições, 2011.

SOUTO, Stéfane Silva de Souza. Aquilombar-se: insurgências negras na gestão cultural contemporânea. **Metamorfose**, v. 4, n. 4, 21 jun. 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/metamorfose/article/view/34426>. Acesso em: 1 nov. 2022.

SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se negro: ou as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

TURRA, Cleusa; VENTURI, Gustavo (Orgs.). **Racismo cordial**. São Paulo: Ática, 1998.

UNICEF (Org.). **Brasil: acesso, permanência, aprendizagem e conclusão da educação básica na idade certa: direito de todas e de cada uma das crianças e dos adolescentes**. Brasília: Unicef, 2012.

VANNUCHI, Maria Beatriz Costa Carvalho. A violência nossa de cada dia: o racismo à brasileira. In: KON, Noemi Moritz; SILVA, Maria Lúcia da; ABUD, Cristiane Curi (orgs.). **O racismo e o negro no Brasil: questões para a psicanálise**. 1ª ed. São Paulo, SP, Brasil: Perspectiva, 2017.

WERNECK, Jurema. Racismo institucional e saúde da população negra. **Saúde e Sociedade**, v. 25, n. 3, p. 535–549, 2016. <https://doi.org/10.1590/s0104-129020162610>.

WERNECK, Jurema. **Racismo Institucional: uma abordagem conceitual**. Geledés – Instituto da Mulher Negra, 2013.

WOODSON, Carter Godwin. **A (des)educação do negro**. trad. Naia Veneranda. São Paulo: Edipro, 2021.

**APÊNDICES****APÊNDICE A – TERMO DE CONFIDENCIALIDADE**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE PSICOLOGIA  
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA SOCIAL E INSTITUCIONAL  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA SOCIAL E  
INSTITUCIONAL  
MESTRADO EM PSICOLOGIA SOCIAL E INSTITUCIONAL**

**TERMO DE CONFIDENCIALIDADE**

**Título do projeto:** “Racismo no Ensino Superior: o impacto do racismo na formação e trajetória de profissionais negros”

**Pesquisadores responsáveis:** Pedro Henrique Machado e Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Rosemarie Gartner Tschiedel

**Instituição responsável:** UFRGS - Departamento de Psicologia Social e Institucional – Telefone para contato: (51) 33085066

**Local da coleta de dados:** Internet - Formulário online e entrevista *online*

Os responsáveis pelo presente projeto assumem o compromisso de preservar a confidencialidade dos dados dos participantes envolvidos na pesquisa, que serão as informações necessárias extraídas a partir de questionário *online* e entrevistas narrativas biográficas *online*, as quais serão gravadas em áudio e vídeo, pela plataforma em que ocorrerão as entrevistas *online* em data e horário previamente marcado com o mesmo. As entrevistas estão previstas para realizarem-se no período de setembro e outubro de 2022. Ressalta-se que as informações serão utilizadas, única e exclusivamente, para fins acadêmicos que estejam alinhados ao projeto de pesquisa. As entrevistas só serão divulgadas de forma anônima, salvo casos em que a/o participante desejar que seu nome seja divulgado e expresse este desejo de forma livre e espontânea, ressalta-se que os materiais coletados a partir dessas entrevistas serão mantidos sob os cuidados dos pesquisadores responsáveis na Sala 413 do Instituto de Psicologia (UFRGS), no endereço: Ramiro Barcelos, 2600 - Santa Cecília, Porto Alegre - RS, CEP: 90035-003 por um período mínimo de 5 anos.

Este projeto de pesquisa foi revisado e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UFRGS em 09/09/2022, com o número de parecer 5.632.709.

---

Profa. Dra. Rosemarie Gartner Tschiedel  
Orientadora e Professora Permanente do  
Programa de Pós-Graduação em  
Psicologia Social e Institucional da  
UFRGS

---

Pedro Henrique Machado  
Mestrando do Programa de Pós-  
Graduação em Psicologia Social e  
Institucional da UFRGS

Porto Alegre, \_\_\_\_de\_\_de\_\_.



## APENDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu, Pedro Henrique Machado, Profa. Dra. Rosemarie Gartner Tschiedel e Profa. Dra. Suiane Costa Ferreira, responsáveis pela pesquisa de mestrado “Racismo no Ensino Superior: o impacto do racismo na formação e trajetória de profissionais negras e negros” convidamos você a participar como voluntária(o) deste nosso estudo. Sua colaboração é muito importante, mas a decisão em participar deve ser sua. Para tanto, leia atentamente as informações abaixo e não se apresse em decidir. Se você não concordar em participar ou quiser desistir em qualquer momento, isso não causará nenhum prejuízo. Se concordar em participar basta marcar a opção “ACEITO” no final dessa declaração, concordando com participação na pesquisa; ao final do questionário você poderá baixar uma via deste TCLE. A pesquisa está vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social e Institucional da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e objetiva identificar o impacto do racismo no cotidiano acadêmico de pessoas negras que ingressaram no ensino superior a partir das políticas de ação afirmativa. A pesquisa está dividida em duas partes, a primeira parte consiste no preenchimento deste questionário on-line, que tem duração média de 10 min; ao final desta etapa você será convidada(o) a participar da segunda etapa – entrevista *on-line*, a qual será gravada em vídeo. No início da entrevista *online* será realizada a leitura desse termo com a explicação do mesmo, e, posteriormente, a concordância do referido será documentada através da gravação. A entrevista tem duração média de 90 minutos, será realizada pela plataforma institucional Mconf em data e horário combinado previamente com você. O pesquisador e sua orientadora comprometem-se a manter o sigilo e confidencialidade da imagem, som e informações compartilhadas durante todas as etapas da pesquisa e arquivaremos os registros em um dispositivo com senha, com acesso restrito e somente para fins de pesquisa, que ficará sob a nossa responsabilidade pelo prazo de 5 anos no Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social Institucional do Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (na Rua Ramiro Barcelos, 174 2600 – Santa Cecília, Porto Alegre/RS). Participar desse estudo, poderá lhe causar algum desconforto, podendo ser ao responder o questionário online: cansaço, irritação nos olhos, dor de cabeça em decorrência da exposição à tela, incômodo ao responder algumas questões; incômodo com o tempo de duração do preenchimento do questionário online e/ou da entrevista; e durante a entrevista poderá ser: choro decorrente de lembrar eventos de sua trajetória acadêmica; caso isso aconteça ou seja identificado algum problema durante a entrevista vamos interromper a gravação e a entrevista para avaliarmos a situação. Caso seja necessário, indicaremos algum/a profissional da área da psicologia para o atendimento, garantimos, também, o seu direito de requerer indenização em caso de danos comprovadamente decorrentes da participação na pesquisa. Ressaltamos que você tem garantido o direito de desistir da pesquisa a qualquer momento sem que haja ônus para você. Já dentre os benefícios listamos o oferecimento de um espaço de escuta das experiências dentro da universidade, contribuição para o debate sobre as relações raciais e a educação. Asseguramos que você terá acesso aos resultados da pesquisa. Ressaltamos que as informações são confidenciais e poderão ser divulgadas em eventos ou publicações sem que haja a sua identificação, apenas nós pesquisadores responsáveis pelo estudo teremos acesso às informações na

íntegra. Em caso de dúvida em relação aos aspectos éticos, é possível entrar em contato diretamente com o Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (Instituto de Psicologia – UFRGS), no endereço: Rua Ramiro Barcelos, nº 2600 - Bairro Santa Cecília, Porto Alegre - RS - Brasil; CEP: 90035-003, fone (55) 3308-5698; e-mail: ceppsico@ufrgs.br. Ou com o pesquisador Pedro Henrique Machado pelo e-mail: machado\_ph@outlook.com ou pelo telefone (51) 997500649; ou com a pesquisadora orientadora Profa. Dra. Rosemarie Gartner Tschiedel pelo e-mail: rosetschiedel@gmail.com ou fone (51) 3308.5066 ou no seguinte endereço: Rua Ramiro Barcellos, 2600, 4º andar, sala 413.

Declaro que li e entendi os objetivos e detalhes e aceito participar deste estudo. As dúvidas foram esclarecidas pelos pesquisadores responsáveis. Estou ciente de que a participação é voluntária, e que, a qualquer momento tenho o direito de obter outros esclarecimentos sobre a pesquisa e de retirar-me da mesma, sem qualquer penalidade ou prejuízo.

SIM    NÃO

## APENDICE C – QUESTIONÁRIO ONLINE

**Racismo no Ensino Superior: o impacto na formação e trajetória de profissionais negras e negros****a) TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)**

Eu, Pedro Henrique Machado (PPG PSI-UFRGS), Profa. Dra. Rosemarie Gartner Tschiedel (PPG PSI-UFRGS) e Profa Dra. Suiane Costa Ferreira (PPG PSI-UFRGS), responsáveis pela pesquisa de mestrado “Racismo no Ensino Superior: o impacto na formação e trajetória de profissionais negras e negros” convidamos você a participar deste estudo como voluntária(o). O objetivo é identificar o impacto do racismo no cotidiano acadêmico e profissional de pessoas negras que ingressaram no ensino superior a partir das políticas de ação afirmativa (Política de Cotas Raciais ou PROUNI).

Afirmamos que sua identidade e dados pessoais serão preservados durante todas as etapas da pesquisa. Sua colaboração é muito importante, mas a decisão em participar deve ser sua. Então, se você não concordar em participar ou quiser desistir em qualquer momento, isso não causará nenhum prejuízo. Se concordar em participar basta marcar a opção “ACEITO” no final dessa declaração e ao final do questionário você poderá baixar a versão completa deste TCLE.

**Termo de Consentimento Livre e Esclarecido\***

Declaro que li e entendi os objetivos e detalhes e aceito participar deste estudo. As dúvidas foram esclarecidas pelos pesquisadores responsáveis. Estou ciente de que: a pesquisa foi aprovada pelo CEP com o número de parecer 5.632.709; que a participação é voluntária; que a qualquer momento tenho o direito de obter outros esclarecimentos sobre a pesquisa e/ou de retirar-me da mesma sem qualquer penalidade ou prejuízo.

[Click aqui](#) para nesse link para realizar o download da sua via completa do TCLE.

( ) ACEITO ( ) NÃO ACEITO

**b) QUESTÕES INICIAIS**

Você possui Ensino Superior (graduação) completo?\*

Sim  Não

Como forma de ingresso no Ensino Superior, você utilizou as Políticas de Ações Afirmativas (Política de Cotas e PROUNI)?

Sim, Política de Cotas  Sim, PROUNI  Não

### c) DADOS SOCIODEMOGRÁFICOS

Qual a sua data de nascimento?\*

\_\_\_/\_\_\_/\_\_\_

Qual a sua identidade de gênero?\*

Mulher CIS (que se identifica com o gênero que lhe foi designado ao nascer)

Mulher TRANS (que não se identifica com o gênero que lhe foi designado ao nascer)

Homem CIS (que se identifica com o gênero que lhe foi designado ao nascer)

Homem TRANS (que não se identifica com o gênero que lhe foi designado ao nascer)

Travesti

Não Binário

Outro:\_\_\_\_\_

Qual sua orientação sexual\*

Homossexual

Pansexual

Bissexual

Prefiro não declarar

Heterossexual

Outro:\_\_\_\_\_

Assexual

Como você se autodeclara?\*

Negra/Negro (Preta/preto.

Indígena

parda/pardo)

Amarela/Amarelo

Branca/Branco

Outro:\_\_\_\_\_

Atualmente a sua situação ocupacional é:\*

- Empregada(o) – Trabalho Formal                       Trabalho Informal  
 Autônoma(o)     Desempregada(o)

Você atua na sua área de formação?\*

- Sim  Não

De qual região do país você é?\*

- Norte     Sudeste  
 Nordeste     Sul  
 Centro-Oeste

### **Dados Sociodemográficos – Norte**

Qual estado?\*

- Acre (AC)     Rondônia (RO)  
 Amapá (AP)     Roraima (RR)  
 Amazonas (AM)     Tocantins (TO)  
 Pará (PA)

### **Dados Sociodemográficos – Nordeste**

Qual estado?\*

- Alagoas (AL)     Paraíba (PB)  
 Bahia (BA)     Pernambuco (PE)  
 Ceará (CE)     Piauí (PI)  
 Maranhão (MA)     Rio Grande do Norte (RN)

### **Dados Sociodemográficos - Centro Oeste**

Qual estado?\*

- Goiás (GO)     Mato Grosso do Sul (MS)  
 Mato Grosso (MT)     Distrito Federal (DF)

### **Dados Sociodemográficos – Sudeste**

Qual estado?\*

- Espírito Santo (ES)     Rio de Janeiro (RJ)  
 Minas Gerais (MG)     São Paulo (SP)

### Dados Sociodemográficos – Sul

Qual estado?\*

- ( ) Paraná (PR) ( ) Santa Catarina (SC)  
 ( ) Rio Grande do Sul (RS)

### Dados Sociodemográficos

Qual cidade?

(Ex.: Porto Alegre)\*

---

Durante a graduação, você teve filhos?\*

- ( ) Sim ( ) Não

Qual o nível de escolaridade da sua **mãe**?\*

- |                                   |                              |
|-----------------------------------|------------------------------|
| ( ) Ensino Fundamental Incompleto | ( ) Mestrado Incompleto      |
| ( ) Ensino Fundamental Completo   | ( ) Mestrado Completo        |
| ( ) Ensino Médio Incompleto       | ( ) Doutorado Incompleto     |
| ( ) Ensino Médio Completo         | ( ) Doutorado Completo       |
| ( ) Ensino Superior Incompleto    | ( ) Pós-Doutorado Incompleto |
| ( ) Ensino Superior Completo      | ( ) Pós-Doutorado Completo   |
| ( ) Especialização Incompleta     | ( ) Não Sei                  |
| ( ) Especialização Completa       | ( ) Outro: _____             |

Qual o nível de escolaridade do seu **pai**?\*

- |                                   |                              |
|-----------------------------------|------------------------------|
| ( ) Ensino Fundamental Incompleto | ( ) Mestrado Incompleto      |
| ( ) Ensino Fundamental Completo   | ( ) Mestrado Completo        |
| ( ) Ensino Médio Incompleto       | ( ) Doutorado Incompleto     |
| ( ) Ensino Médio Completo         | ( ) Doutorado Completo       |
| ( ) Ensino Superior Incompleto    | ( ) Pós-Doutorado Incompleto |
| ( ) Ensino Superior Completo      | ( ) Pós-Doutorado Completo   |
| ( ) Especialização Incompleta     | ( ) Não Sei                  |
| ( ) Especialização Completa       | ( ) Outro: _____             |

**d) ENSINO SUPERIOR**

Qual o nome da Instituição de Ensino Superior em que você estudou durante a graduação?\*

---

Em que cidade e estado está localizada a Instituição de Ensino em que você se formou?

---

A instituição que você realizou o curso é?\*

- ( ) Pública  
 ( ) Privada  
 ( ) Comunitária  
 ( ) Outra

Em que ano você ingressou no Ensino Superior?

- |          |                  |
|----------|------------------|
| ( ) 2018 | ( ) 2013         |
| ( ) 2017 | ( ) 2012         |
| ( ) 2016 | ( ) 2011         |
| ( ) 2015 | ( ) 2010         |
| ( ) 2014 | ( ) Outro: _____ |

Em que ano você concluiu o Ensino Superior?\*

- |          |                  |
|----------|------------------|
| ( ) 2021 | ( ) 2016         |
| ( ) 2020 | ( ) 2015         |
| ( ) 2019 | ( ) 2014         |
| ( ) 2018 | ( ) Outro: _____ |
| ( ) 2017 |                  |

Você participou de quantas seleções para ingressar no ensino superior?\*

- ( ) 1 ( ) 2 ( ) 3 ( ) 4 ou mais

Você fez cursinho vestibular?\*

- |                                  |                                 |         |
|----------------------------------|---------------------------------|---------|
| ( ) SIM, cursinho<br>comunitário | ( ) SIM, cursinho<br>particular | ( ) NÃO |
|----------------------------------|---------------------------------|---------|

Você tem/tinha familiares na cidade em que estudava?\*

Sim  Não

Qual era o parentesco?\*

---

Qual o turno do seu curso de formação?\*

Manhã

Noite

Tarde

Integral

Você foi beneficiária/beneficiário de algum tipo de bolsa?\*

Sim  Não

Qual o tipo de bolsa\*

---

Você trabalhava com carteira assinada enquanto estudava?\*

Sim  Não

Você trabalhava de maneira informal enquanto estudava? \*

Sim  Não

Você participou de atividades de Pesquisa e Extensão?\*

Sim  Não

Você participou de Grupos de Pesquisas?\*

Sim  Não

Você participou de iniciação científica?\*

Sim  Não

Você participou de Programas de Educação Tutorial (PET)?\*

Sim  Não

Você participou de Ligas Acadêmicas?\*

Sim  Não

Você foi monitora/monitor de alguma disciplina?\*

Sim  Não



Você foi monitora/monitor de alguma disciplina? Qual/Quais disciplina/disciplinas?\*

Ao término da Graduação você pensou em:\*

- |   |   |
|---|---|
| <input type="checkbox"/> Ir trabalhar               | <input type="checkbox"/> Fazer um curso de aperfeiçoamento  |
| <input type="checkbox"/> Iniciar um Mestrado        | <input type="checkbox"/> Iniciar um novo curso de graduação |
| <input type="checkbox"/> Iniciar uma Especialização | <input type="checkbox"/> Outro: _____                       |

### e) AFIRMAÇÕES

Indique seu grau de concordância com as afirmações a seguir:

- As Políticas de Ações Afirmativas foram fundamentais para que eu me graduasse.\*

- |   |  |
|---|--|
| <input type="checkbox"/> Concordo Totalmente    | <input type="checkbox"/> Discordo Parcialmente |
| <input type="checkbox"/> Concordo Parcialmente  | <input type="checkbox"/> Discordo Totalmente   |
| <input type="checkbox"/> Não estou decidida/e/o |  |

- As ações afirmativas são injustas e desiguais.\*

- |   |  |
|---|--|
| <input type="checkbox"/> Concordo Totalmente    | <input type="checkbox"/> Discordo Parcialmente |
| <input type="checkbox"/> Concordo Parcialmente  | <input type="checkbox"/> Discordo Totalmente   |
| <input type="checkbox"/> Não estou decidida/e/o |  |

- Passados os 10 anos da aprovação da política de ações afirmativas e com a revisão desta lei é necessário que a mesma seja mantida em vigor\*.

- |   |  |
|---|--|
| <input type="checkbox"/> Concordo Totalmente    | <input type="checkbox"/> Discordo Parcialmente |
| <input type="checkbox"/> Concordo Parcialmente  | <input type="checkbox"/> Discordo Totalmente   |
| <input type="checkbox"/> Não estou decidida/e/o |  |

Indique seu grau de concordância com as afirmações a seguir:

- Tive mais dificuldades para permanência do que os estudantes brancos\*.

- |  |  |
|--|--|
| <input type="checkbox"/> Concordo Totalmente | <input type="checkbox"/> Concordo Parcialmente |
|--|--|

Não estou decidida/e/o

Discordo Parcialmente

Discordo Totalmente

- Sofri atos racistas de **professoras/es** que me marcaram profundamente durante o curso de graduação.\*

Concordo Totalmente

Discordo Parcialmente

Concordo Parcialmente

Discordo Totalmente

Não estou decidida/e/o

- Sofri atos racistas de **colegas** que me marcaram profundamente durante o curso de graduação.\*

Concordo Totalmente

Discordo Parcialmente

Concordo Parcialmente

Discordo Totalmente

Não estou decidida/e/o

- Durante a graduação encontrei espaços, pessoas e ambientes que me auxiliaram na permanência no Ensino Superior\*

Concordo Totalmente

Discordo Parcialmente

Concordo Parcialmente

Não estou decidida/e/o

Discordo Totalmente

## **CONVITE PARA PARTICIPAR DA ENTREVISTA ONLINE**

Muito obrigado pela sua participação nessa primeira parte da pesquisa. Sua contribuição será muito importante para o nosso trabalho. Haverá uma segunda que consiste em entrevistas individuais no formato online. Caso queira participar informe a seguir seu e-mail e/ou contato de Whatsapp (DDD=Número). Gostaríamos muito de contar com a sua disponibilidade e contribuição.

Caso surja alguma dúvida entre em contato pelo e-mail: machado\_ph@outlook.com

e-mail: \_\_\_\_\_

Whatsapp (DDD+número): \_\_\_\_\_

## APENDICE A – ROTEIRO DE ENTREVISTA

### Aquecimento:

- 1) Me conta sobre uma lembrança de um dia comum, da sua vida, antes de ingressar na Universidade.
- 2) E como foi a entrada no Ensino Superior?

### História de Vida

- 1) Gostaria de te ouvir um pouco sobre as Ações Afirmativas. Como você percebe elas?
- 2) O que te fez querer cursar o Ensino Superior?
- 3) Você precisou abrir mão de algo?

### Entrando na Temática da Pesquisa

- 1) O que você sentiu durante a sua trajetória na Universidade?
- 2) Você percebeu atos racistas?
- 3) Como isso impactou a sua vida?

### Eventos Marcados pelo Racismo

- 1) Relembrando os momentos mais marcantes da sua trajetória acadêmica, escolha uma situação de extrema dificuldade, onde o racismo apareceu.
- 2) Como foi a situação? [Locais e pessoas envolvidas, contexto, sequência dos acontecimentos]
- 3) O que a situação provocou em você? [Como reagiu, comportamentos, pensamentos, sentimentos]

### Estratégias de resistência na Universidade

- 1) Apesar disso, você precisou enfrentar e superar da melhor forma. Como você enfrentou tudo isso? [sozinha, com amigos, com familiares], [inspirações, crenças, recursos (disponíveis e utilizados), formas de enfrentamento, estratégias, resultados (benefícios e prejuízos; em você, no seu ambiente de estudos), reverberações na sua vida profissional (impactos, sintomas)].
- 2) Esse ato foi isolado, ou aconteceu outras vezes?

### Esfriamento

- 1) Você teve colegas negros?
- 2) Fale sobre um dia marcante que vocês viveram juntos!
- 3) Como vocês se percebiam em relação aos colegas brancos?

#### Finalizando

- 1) O que simboliza para você ter concluído o curso de graduação?
- 2) Como foi sair da universidade?
- 3) Você tem críticas sobre as ações afirmativas? Quais?

Agradecimentos e reiteração dos acordos presentes no TCLE.

## APÊNDICE E – CONVITE DE PARTICIPAÇÃO DA PESQUISA



(Imagem criada por Priscila Cruz – instagan: @acruzpri)

“Olá, tudo bem? Eu sou o Pedro Henrique Machado, sou psicólogo e mestrando no PPG de Psicologia Social e Institucional - UFRGS. Venho lhe convidar para participar, de forma voluntária, da minha pesquisa “Racismo no Ensino Superior: o impacto do racismo na trajetória acadêmica e profissional de profissionais negras e negros” onde pretendo identificar o impacto do racismo no cotidiano acadêmico de pessoas negras que ingressaram no ensino superior a partir das políticas de ação afirmativa. A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisas do Instituto de Psicologia da UFRGS (parecer: 5.632.709).

A pesquisa é destinada a profissionais negras/negros que tenham:

- Ingressado no ensino superior a partir da política de Cotas Raciais ou PROUNI;
- De todas as regiões do país.

Profissionais de todos os cursos de graduação são bem vindas/es/os.

Para participar, basta acessar o link: <https://forms.gle/S9AUQYrrFcJVrfR19> e preencher o formulário, o que não deve levar mais do que 20 minutos.

Se tiver alguma dúvida ou curiosidade sobre a pesquisa fique à vontade para entrar em contato comigo. Meu e-mail é: [machado\\_ph@outlook.com](mailto:machado_ph@outlook.com) e meu whatsapp é: 51 99750-0649.

Muito obrigado!

Pedro Henrique Machado